

# PRIMEIRA PARTE

-

1872 – 1885

## MUDANÇA DA SORTE

— O TEU PRIMO ALEXANDER ESCREVEU a pedir uma esposa — disse James Drummond erguendo os olhos de uma folha de papel.

A chamada do pai para ir à sala atingira Elizabeth como uma pancada: aquele tipo de formalidade significava um sermão por causa de uma transgressão qualquer, seguido de um castigo apropriado à ofensa. Bem, ela sabia o que fizera — tinha salgado as papas de aveia da manhã — e também sabia qual seria, inevitavelmente, o seu castigo: comer papas de aveia sem sal durante o resto do ano. O pai era muito cuidadoso com o dinheiro e não o gastaria em mais um grão de sal do que o estritamente necessário.

Por isso, com as mãos atrás das costas, Elizabeth postou-se em frente da decrépita poltrona de orelhas, abrindo a boca perante aquelas notícias espantosas.

— Pede a Jean, o que é uma parvoíce... Será que ele acha que o tempo não passa? — James brandiu a carta com indignação e depois desviou os olhos desta para a sua filha mais nova, iluminada pela luz que entrava a rodos pela janela enquanto ele permanecia oculto pelas sombras.

— És como todas as outras mulheres, por isso terás de ser tu.

— Eu?

— És surda, rapariga? Sim, tu. Há mais alguém?

— Mas, pai!... Se ele pede a Jean, não me quererá a mim.

— Qualquer rapariga respeitável e com uma educação decente serve, a julgar pelo estado das coisas no local de onde ele escreve.

— De onde é que ele escreve? — perguntou ela sabendo que não lhe seria permitido ler a carta.

— De Nova Gales do Sul. — Grunhiu James com satisfação. — Parece que o teu primo Alexander se deu bem: fez uma pequena fortuna nas minas de ouro. Enrugou a testa. — Ou — condescendeu — juntou pelo menos o suficiente para poder ter uma mulher.

O efeito do choque inicial estava a dissipar-se, sendo substituído pelo desalento. — Não seria mais simples ele arranjar uma mulher de lá, pai?

— Na Nova Gales do Sul? No que respeita a mulheres, não há lá nada a não ser prostitutas, antigas presidiárias e inglesas convencidas, segundo ele. Não, ele viu a Jeannie da última vez que veio a casa e gostou muito dela. Pediu a mão dela nessa altura. Eu recusei... Bem, por que haveria de ter aceitado um incapaz aprendiz de caldeireiro, que passava a vida nos bordéis de Glasgow quando, ainda por cima, a Jeannie mal acabara de fazer dezasseis anos? A tua idade, rapariga. É por essa razão que tenho a certeza de que servirás — gosta delas novinhas. O que ele quer é uma mulher escocesa, cuja virtude esteja acima de qualquer suspeita, unida a ele por laços de sangue em que possa confiar. Pelo menos é o que diz. — James Drummond levantou-se, passou pela filha e marchou para a cozinha. — Faz-me um chá.

## O Toque de Midas

Colleen McCullough

A garrafa de whisky apareceu enquanto Elizabeth punha as folhas de chá dentro do bule muito usado e despejava água a ferver. O pai era presbítero, um dos anciãos da Igreja Escocesa, não bebia e não era, de forma nenhuma, um bêbado. Só deitava uma gota de whisky na chávena quando recebia notícias excelentes, como o nascimento de um neto. Mas por que seriam aquelas notícias esplêndidas? Como se arranjaría sem uma filha que cuidasse dele?

O que diria realmente aquela carta? Talvez, pensou Elizabeth, ajudando o chá a abrir mexendo-o com uma colher, o whisky lhe desse algumas respostas. O pai quando ficava ligeiramente embriagado tornava-se falador. Podia deixar escapar os seus segredos.

– O meu primo Alexander disse mais alguma coisa? – atreveu-se a perguntar depois de a primeira chávena ter sido bebida e a segunda ter sido servida.

– Não muito. Ele não é mais dado às palavras que qualquer outro Drummond. – Soltou um resmungo. – Drummond, realmente! Já não é o nome dele, acreditas numa coisa destas? Mudou-o para Kinross, quando estive na América. Por isso não vais ser a Mrs. Alexander Drummond, serás a Mrs. Alexander Kinross.

Não ocorreu a Elizabeth que poderia discutir aquela decisão arbitrária relativamente ao seu destino, nem naquele momento nem muito mais tarde, quando já passara o tempo suficiente para poder ver as coisas com clareza. Só a ideia de desobedecer ao pai numa questão tão importante era mais aterrorizadora do que qualquer coisa que pudesse imaginar, com excepção de uma reprimenda do Reverendo Dr. Murray. Não que a Elizabeth Drummond faltassem a coragem ou o ânimo; só que, durante a sua curta vida de filha mais nova sem mãe, fora sempre submetida à tirania de dois terríveis homens velhos, o seu pai e o ministro da sua religião.

– Kinross é o nome da nossa cidade e do nosso condado, não é o nome de um clã – disse.

– Suponho que ele deve ter tido as suas razões para mudar o nome – observou James com uma tolerância pouco habitual, enquanto bebericava a segunda bebida.

– Terá sido por causa de algum crime, pai?

– Duvido. Se fosse esse o caso, ele agora não se mostraria tanto. Alexander sempre foi voluntarioso, sempre foi ambicioso. O teu tio Duncan bem tentou, mas não conseguiu controlá-lo. – James soltou um grande suspiro de felicidade. – O Alastair e a Mary podem vir viver co-migo. Herdarão uma boa maquia quando eu morrer.

– Uma boa maquia?

– Sim. O teu futuro marido enviou uma letra bancária para cobrir as despesas da tua viagem para Nova Gales do Sul. Mil libras.

Ela abriu a boca. – *Mil libras?*

– Ouviste o que eu disse. Mas que isso não te dê volta à cabeça, rapariga. Podes ficar com vinte libras para as tuas vaidades e cinco para pagar o fato de noiva. Ele diz que deverás viajar em primeira classe acompanhada por uma criada... Bem, não tolerarei uma tal extravagância! Oh, horrível! Amanhã logo de manhã vou escrever para os jornais de

## O Toque de Midas

Colleen McCullough

Edimburgo e de Glasgow para publicar um anúncio. – A suas longas pestanas loiras cerraram-se, sinal de que estava mergulhado em profunda reflexão. – O que quero encontrar é um casal respeitável, já casado e que pertença à Igreja Escocesa, que esteja a planear emigrar para Nova Gales do Sul. Se estiverem dispostos a levar-te com eles, pagar-lhes-ei cinquenta libras. – As pálpebras abriram-se, revelando os olhos azuis e brilhantes. – Eles vão agarrá-las de imediato. E eu ficarei com novecentas e vinte e cinco libras na minha bolsa. Uma bela maquia.

– Mas o Alastair e a Mary estarão dispostos a mudar-se para cá, pai?

– Se não estiverem, deixarei a minha bela maquia ao Robbie e à Bella ou ao Angus e à Ophelia – disse James Drummond, empertigado.

Depois de lhe ter servido duas sanduíches bem recheadas com bacon para o jantar de domingo, Elizabeth pôs a capa de xadrez sobre os ombros e saiu com o pretexto de que era melhor ir ver se a vaca voltara para casa.

A casa onde James Drummond criara a sua grande família ficava nos arredores de Kinross, uma aldeia dignificada com o estatuto de cidade mercantil por ser a capital do Condado de Kinross. Com dezasseis quilómetros de comprimento e vinte de largura, Kinross era o segundo mais pequeno condado da Escócia, mas compensava o seu tamanho reduzido com alguma prosperidade.

A fiação de lã, as duas moagens e a destilaria soltavam fumo negro, pois nenhum proprietário de engenho permitia que as caldeiras parassem só por ser domingo; era mais barato do que ter de começar tudo do princípio na segunda-feira. Havia carvão suficiente na parte sul do país para permitir o funcionamento daquelas modestas indústrias locais e, graças a elas, James Drummond não sofrera o destino de tantos escoceses: ser forçado a abandonar a sua terra natal para encontrar trabalho e poder subsistir ou sobreviver na sordidez infecta de um qualquer bairro de lata cidadão. Tal como o seu irmão mais velho, Duncan, que era o pai de Alexander, James trabalhara os seus cinquenta e cinco anos na tecelagem, produzindo metros e metros de tecido axadrezado para os Ingleses desde que a Rainha pusera o tecido escocês na moda.

Os fortes ventos escoceses dispersavam as nuvens de fumo, como se este fosse uma mancha de carvão sob o polegar de um artista, e revelavam a abóbada azul até ao infinito. À distância viam-se os montes Ochils e Lomonds, roxos com a urze outonal, montanhas altas e selvagens onde os casebres das quintas tinham as portas apodrecidas a balouçar ao vento ou nem portas tinham e para onde, em breve, os proprietários ausentes regressariam para caçar veados ou pescar nos lagos. Algo que não constituía preocupação para o Condado de Kinross, que se espalhava numa planície fértil repleta de gado, cavalos e ovelhas. O gado destinava-se a ser transformado nos melhores assados de Londres, os cavalos contavam muitas éguas reprodutoras de cavalos de montar ou de tracção de carruagens, as ovelhas produziam lã para os tecidos escoceses da tecelagem e carne para as mesas locais. Também havia campos cultivados, pois os terrenos cobertos de musgo tinham sido drenados cinquenta anos antes.

## O Toque de Midas

Colleen McCullough

Frente à cidade de Kinross havia o Loch Leven, um grande lago de águas agitadas com a cor azul metálica peculiar dos lagos escoceses e que era alimentado pelos riachos ambarinos e translúcidos que corriam pela turfa. Elizabeth ficou de pé na margem, a poucos metros da casa (sabia bem que não podia afastar-se muito) e olhou através do lago para as planícies verdejantes que ficavam entre este e o braço de mar. Por vezes, quando o vento soprava de Leste, conseguia sentir o cheiro a peixe das profundezas geladas do Mar do Norte, mas naquele dia o vento soprava das montanhas, com a fragrância das folhas em decomposição. Na Ilha de Lochleven erguia-se um castelo, o castelo em que estivera aprisionada, durante quase um ano, Mary, Rainha dos Escoceses. Como teria sido, ser simultaneamente soberana e prisioneira? Uma mulher tentando governar uma terra de homens violentos e rudes? Mas ela tentara trazer de volta a fé Romana e Elizabeth Drummond fora tão zelosamente educada como Presbiteriana que não tinha boa opinião dela a esse respeito.

«Vou para um sítio chamado Nova Gales do Sul para me casar com um homem que nunca vi», pensou. «Um homem que pediu a minha irmã, não me pediu a mim. Fui apanhada na teia tecida pelo meu pai. E se, quando eu chegar, esse tal Alexander Kinross não gostar de mim? Certamente que, se for um homem honrado, me mandará regressar a casa! E ele deve ser honrado, ou não teria pedido em casamento uma noiva Drummond. Mas já li que essas colónias agrestes tão distantes da pátria sofrem realmente de uma grande escassez de esposas adequadas, por isso suponho que ele se casará comigo. Meu Deus do Céu, faz com que ele goste de mim! Faz com que eu goste dele!»

Frequentara durante dois anos a escola do Dr. Murray, tempo suficiente para aprender a ler e a escrever; para além disso, também fizera algumas leituras, ainda que limitadas; escrever era mais difícil, já que James se recusava a gastar dinheiro em papel para ser usado por raparigas tontas. Mas, desde que mantivesse a casa impecavelmente limpa, cozinhasse as refeições do pai a contento deste, não gastasse dinheiro nem se desse com outras raparigas igualmente patetas, Elizabeth era livre de ler todos os livros que pudesse encontrar. Tinha duas fontes: os textos da biblioteca da residência paroquial do Dr. Murray e os romances monótonos e respeitáveis que circulavam entre os membros femininos da sua enorme congregação. Não era portanto surpreendente que estivesse mais informada sobre teologia do que geologia e mais familiarizada com a situação económica do que com o romantismo.

Nunca lhe ocorrera que o casamento fosse o seu destino, embora estivesse a chegar a uma idade em que começava a pensar nos perigos e prazeres do casamento e em que observava as uniões dos irmãos mais velhos com um interesse fascinado. Alastair e Mary, tão diferentes um do outro, sempre a discutir e, no entanto, pressentia que desfrutavam de uma comunhão mais profunda; Robert e Bella, feitos um para o outro no amor pela parcimónia; Angus e a sua chilreante Ophelia, que pareciam determinados a destruir-se mutuamente; Catherine e o seu Robert, que viviam em Kirkaldy,

## O Toque de Midas

Colleen McCullough

pois ele era pescador; a Mary e o seu James, Anne e o seu Angus, Margaret e William... E Jean, a filha mais velha, a beldade da família que aos dezoito anos se casara com um Montgomery – um partido invejável para uma rapariga de uma linhagem razoável mas sem qualquer dote. O marido levaria-a para uma mansão na Princes Street, em Edimburgo, e os Drummond de Kinross nunca mais tinham visto Jean.

– Tem vergonha de nós – disse James com desprezo.

– Muito astuta – contrapôs Alastair que a amara e era leal.

– Muito egoísta – comentara Mary com um esgar.

«Muito só», pensava Elizabeth que se recordava de Jean muito vagamente. «Mas se a solidão de Jean se tornasse insuportável, a sua família estava a uns meros oitenta quilómetros. Enquanto que eu nunca poderei vir a casa e a minha casa é tudo o que eu conheço.»

Tinha ficado decidido, depois do casamento de Margaret, que Elizabeth, a última dos descendentes de James ainda vivos, ficaria solteira pelo menos até à morte do pai, o que, a crer na superstição familiar, seria daí a muitos anos. Ele era rijo como tudo e resistente como as rochas de Ben Lomond. Agora tudo mudara, graças a Alexander Kinross e a mil libras. Alastair, o orgulho e alegria de James depois da morte do filho com o seu nome, não ligaria a Mary e mudá-la-ia mais os seus sete filhos para a casa do pai. Fosse como fosse, esta acabaria por ser sua quando chegasse a altura, pois ele consolidara o seu lugar nos afectos de James ao suceder-lhe como encarregado dos teares na tecelagem. Mas a Mary... pobre Mary, como ela sofreria! O pai achava que ela era uma tremenda esbanjadora, pois comprava sapatos para os filhos calçarem aos domingos e punha doce na mesa do pequeno-almoço e do jantar.